

MINISTÉRIO DA CULTURA, NUBANK, CLAROESCURO STUDIO, MR MINERAÇÃO, SUPERMIX, INSTITUTO TOMIE OHTAKE E LUCIANA BRITO GALERIA APRESENTAM

MARÇO DE 2026

# PROFANAÇÕES



PABLO LOBATO

## PROFANAÇÕES



A diversidade das manifestações culturais brasileiras, expressa em rituais, festas, músicas e formas coletivas de ocupação do espaço, constitui um campo importante de pesquisa e reflexão no programa do Instituto Tomie Ohtake. Ao longo de sua trajetória, o Instituto tem apresentado práticas artísticas que se aproximam dessas expressões como modos de pensar a experiência social e suas transformações. É nesse contexto que se insere a mostra *Profanações*, de Pablo Lobato, com texto curatorial de Moacir dos Anjos.

*Profanações*, obra inédita do artista, reúne três trabalhos realizados entre 2011 e 2015 e é apresentada na exposição homônima como uma instalação que articula imagem, som e arquitetura. Dispostos em um mesmo ambiente, os filmes estabelecem relações entre si e criam uma situação que convida o visitante a ajustar seu tempo de permanência e seu modo de atenção. A alternância entre as projeções, assim como a construção sonora, define um campo contínuo, no qual gestos, ritmos e pausas tornam-se elementos estruturantes.

A prática de Pablo Lobato se desenvolve a partir da aproximação a manifestações coletivas presentes em diferentes regiões do país. Seu trabalho se concentra em situações nas quais o corpo, o som e o movimento operam como formas de organização e expressão. Ao construir essas imagens, o artista não busca fixar significados, mas acompanhar variações, tensões e desvios que emergem no interior dessas práticas. Sua pesquisa transita entre cinema, vídeo e artes visuais, articulando procedimentos distintos de acordo com cada contexto. O som assume um papel decisivo nessa construção, conduzindo a experiência e estabelecendo contrastes que deslocam a relação imediata com as imagens. O que se forma é um ambiente no qual ver e escutar tornam-se ações indissociáveis.

No Instituto Tomie Ohtake, *Profanações* propõe ao público um espaço de convivência entre diferentes tempos, presenças e sonoridades. Ao aproximar o visitante de práticas em constante transformação, a obra o insere em uma experiência sensorial fundada

na duração e na escuta, afirmando o tempo da atenção em um contexto marcado por sua constante disputa. Tornam-se, assim, perceptíveis continuidades e tensões que atravessam a cultura brasileira. A exposição reafirma, desse modo, o compromisso do Instituto Tomie Ohtake com a difusão da arte contemporânea e com a criação de contextos de experiência e reflexão.

A exposição *Profanações* é uma realização do Ministério da Cultura, da Claroescuro e do Instituto Tomie Ohtake, por meio da Lei Rouanet. A mostra conta com o apoio do Nubank, mantenedor institucional do Instituto Tomie Ohtake, e com o patrocínio das empresas Supermix e MR Mineração, além do apoio da Luciana Brito Galeria.

Instituto Tomie Ohtake

Em *Profanações*, Pablo Lobato reúne, em uma única sala, três trabalhos realizados entre 2011 e 2015: *Bronze revirado*, *Folia* e *Corda*. Não se trata do mero avizinhamento de filmes distintos, relacionados por forma ou tema, mas da criação, a partir de uma deliberada cercania física, de um território sensível que antes não existia. Para acessá-lo, descalçam-se os sapatos e percorrem-se o corredor e a antessala, que desaceleram o tempo de fora e antecipam outro tempo, o de dentro – a arquitetura como filtro e parte intrínseca da construção de significados e sensações. Ao final do percurso, chega-se à sala onde três projeções exibem, alternadamente, os filmes agora convertidos em elementos de um novo trabalho.

São filmes que afirmam o interesse do artista por operações vernaculares que, de diferentes modos, recuperam para si aquilo que é usualmente controlado pela esfera do sagrado. Ou que expressam o desejo de se aproximar daqueles que buscam “profanar o improfanável”: retomar, para o âmbito do comum, gestos, vozes e objetos que, em momentos incertos do passado, foram subtraídos ao âmbito religioso e esvaziados de seu conteúdo mundano.<sup>1</sup>

São operações que procuram menos inverter hierarquias do que desmanchar ou amolecer barreiras entre o celeste e o terreno – entre religião e cotidiano. Constituem-se profanações que não provocam, portanto, um embate aberto entre esses campos, mas escavam a humanidade no interior daquilo que é apresentado como divino – ainda que a intenção dos protagonistas das cenas filmadas não se enuncie discursivamente.

No mais antigo dos trabalhos incorporados à exposição, *Bronze revirado* (2011), o artista oferece a imagem vertical do campanário de uma igreja barroca em São João del-Rei, em Minas Gerais, e do sino ali abrigado. A imobilidade inicial desse instrumento de chamado e o silêncio dessa cena inaugural são logo desfeitos por jovens – todos homens – que o movimentam com vigor e o fazem soar em um ritmo por eles imposto, associado mais às cadências inscritas em seus corpos do que às marcações próprias dos ritos católicos. A partir daí, sucedem-se em duplas que mantêm o sino em constante movimento pendular, ao mesmo tempo em que se desviam com destreza do contato potencialmente fatal com o pesado instrumento.

Tanto o pulso rítmico dos toques quanto as coreografias desenhadas por esses corpos, quase todos negros, evocam tradições distintas daquelas celebradas em igrejas como a que serviu de cenário ao registro. Ecoam o fato de que os sineiros desses templos tenham sido, desde o século 18, homens negros africanos escravizados e seus descendentes, detentores da obrigação e do privilégio de chegar ao topo das torres para fazer as campanas soarem, avisando a todos sobre missas ou acontecimentos marcantes na cidade. Ao transformar um rito religioso em jogo ou ato lúdico, os movimentos dos corpos desses jovens mestres põem em crise a associação exclusiva do toque do sino à esfera do sagrado colonial – inscrevendo, em gestos e sons, histórias de subalternização e de estratégias para subvertê-las.

O segundo filme a compor a mostra é *Folia* (2012/2015), no qual Pablo Lobato registra e edita cenas da Folia de Reis em Bom Despacho, também em Minas Gerais. A festa pertence ao calendário religioso católico e celebra, por meio de encenações, músicas e cantos, a jornada dos Três Reis Magos para dar as boas-vindas ao Menino Jesus.

Entremeado por imagens do Bastião – figura mascarada que dança para entreter o público e recita poesias e textos alusivos à festa –, dos músicos que tocam viola, sanfona, pandeiro, chocalho, caixa e outros instrumentos, e da entrada dos foliões nas casas para pedir doações

– e não para oferecer presentes, como era o intuito da visita dos Reis celebrados –, o filme passa gradualmente a concentrar sua atenção no canto dos integrantes da folia, sustentado por um coro de vozes masculinas que tem na figura do Mestre seu condutor.

A sonoridade acolhedora das canções é, porém, frequentemente atravessada por uma voz aguda em falsete que confunde os sentidos possíveis do que se ouve e que se prolonga no tempo como um lamento ou súplica. Em *Folia*, o desconforto ao escutar o que não se espera – ou que não se entende – é ainda ampliado pela apresentação encadeada de uma sucessão de cenas que evidenciam essas intervenções vocais, como se, da cantoria de exaltação religiosa, se ressaltasse o momento de sua maior mundanidade. Como se a celebração do divino se confundisse, por um momento, com a insanidade. Como se folia fosse não somente festa e louvor, mas igualmente estranheza e loucura.<sup>2</sup>

A exposição se completa com o trabalho intitulado *Corda* (2014), filmado em Belém, no Pará, durante uma das maiores festas religiosas do Brasil: o Círio de Nazaré. O nome do trabalho remete à extensa corda de sisal – cerca de oitocentos metros – estendida em forma de rosário ao longo da procissão liderada pela berlinda que conduz a imagem de Nossa Senhora.

O forte conteúdo simbólico da corda – metáfora da sustentação da fé – faz com que milhares de pessoas queiram segurá-la durante o trajeto. A câmera de Pablo Lobato se posiciona junto a esse mar de corpos suados, quase todos descalços, que se aglomeram em torno da corda para tocá-la; são corpos majoritariamente masculinos, que se comprimem e se roçam, como se formassem um único organismo vivo.

Não se escutam, contudo, os sons certamente variados e altos desse ambiente, mas apenas aqueles gerados, longe dali, por toques sutis nas cordas e teclas de um piano preparado. Por vezes, a câmera curiosa se fixa à altura das cabeças e dos olhos exaustos dos participantes; em outras, parece procurar, junto ao chão da rua, um ritmo dos passos, marcado pelo esforço imenso de permanecer próximo ao objeto de adoração.

Em desalinho com as regras da festa, porém, alguns promesseiros cortam a corda, em meio ao ritual religioso, para garantir para si um pedaço dela. A percepção desse ato proibido atrai a câmera do artista e orienta seu deslocamento rumo ao caos gerado pelo corte. Um deslocamento que permite testemunhar, em registro filmado, a disputa intensa entre os devotos para que consigam guardar como relíquia, ao mesmo tempo sagrada e profana, nem que seja um fiapo extraído do imenso rosário – o incomensurável simbólico tornado também objeto raro.

Depois da dispersão da multidão e do transe causado pelo gesto subversivo, um novo nó é feito na corda, e os corpos voltam a se juntar, apertados, em torno dela. Captura sintética da dinâmica paradoxal da festa, o trabalho se constrói a partir da aproximação entre esses dois diferentes fluxos de pessoas que dão forma à procissão: um linear, regido pela integridade da corda; e outro, caótico, correspondente aos momentos em que ela é cortada.

Sem subtrair dos três filmes sua integridade ou autonomia, *Profanações* os reconfigura a partir de um território concebido para acolhê-los e, assim, transformá-los em partes de uma obra distinta. Um trabalho que evidencia como, em situações diversas, borram-se os limites entre o religioso e o mundano. Trata-se de um ambiente poroso, de onde brotam, em gestos e vozes de tantas gentes, memórias das violências, resistências e crenças que marcaram – e ainda marcam – a história do Brasil.

Moacir dos Anjos

<sup>1</sup> AGAMBEN, Giorgio. Elogio da profanação. In: AGAMBEN, Giorgio. *Profanações*. São Paulo: Boitempo, 2007.

<sup>2</sup> Aparentado com o francês *folie* (loucura) e, também, com o latim *folllis* (folie, sopra), o termo folia pode ser metaforicamente associado a atos de pessoas com “cabeça de vento” (loucos).



**Pablo Lobato**  
*Profanações*, 2026

Instalação de vídeo com três projeções alternadas e dispositivo espacial e sensorial. Duração variável (18'22"), loop, cor, estéreo. Formatos 16:9 (duas telas horizontais e uma vertical), dimensões variáveis. Brasil.

Obra constituída a partir da reconfiguração dos vídeos:

*Bronze revirado*, 2011  
Videoinstalação, 1 canal, 4'12", loop, cor, estéreo, 16:9 (vertical), HD, Brasil.  
Autor: Pablo Lobato.  
Captação de áudio: Daniel Quintella.  
Edição e finalização de áudio: Anderson Guerra.  
Agradecimentos especiais aos sineiros de São João del-Rei.

*Folia*, 2012/2015  
Videoinstalação, 1 canal, 6'55", loop, cor, estéreo, 16:9, HD, Brasil.  
Autor: Pablo Lobato.  
Captação de som: Julia Panadés.  
Edição de som: Anderson Guerra.  
Finalização de imagem: Tauma.  
Imagens captadas durante a Festa dos Santos Reis, Bom Despacho, Brasil.  
Foliões: Agnaldo Sérgio Felizardo, Anderson Pinto de Azevedo, Carlos Roberto Pereira, João Batista dos Santos, João Martiniano do Canto, Júlio Maria da Silva, Samuel Lourenço Batista Machado.  
Agradecimentos especiais a Djalma Corrêa e às Companhias de Reis de Bom Despacho.

*Corda*, 2014  
Videoinstalação, 1 canal, 7'15", loop, cor, estéreo, 16:9, HD, Brasil.  
Autor: Pablo Lobato.  
Trilha sonora realizada em colaboração com Anderson Guerra.  
Finalização de imagem: Tauma.  
Imagens captadas durante o Círio de Nazaré, Belém, Brasil.

**EXPOSIÇÃO**  
**Pablo Lobato – Profanações**

**Realização**  
Claroescuro  
Instituto Tomie Ohtake

**Concepção e Direção Artística**  
Pablo Lobato

**Texto Curatorial**  
Moacir dos Anjos

**Projeto Expográfico**  
Ivie C. Zappellini  
Isis F. Zappellini (assistente)  
Felipe Lage Pena (assistente)

**Produção Executiva**  
Marcus Leskovsek

**Assessoria de Comunicação**  
Daniel Helvécio

**Colorização e Masterização**  
Sem Rumo

**Produção e Coordenação de Montagem**  
Ana Laura e Silva  
André Luiz Bella  
Carolina Pasinato  
Clara Machado  
Letícia Ferraz de Carvalho  
Rodolfo Borbel Pitarello  
Tamara da Silva Pereira  
Victor Ferraz

**Design Gráfico**  
Catê Bloise  
Pedro Lemme  
Tie Ito  
Vitor Cesar

**Revisão**  
Divina Prado  
Isabela Maia  
Camila Góes

**Tradução**  
Camila Góes

**Acessibilidade**  
Cristina Kenne

**Montagem**  
Buriti Brasil Cenografia

**Lighting Design**  
Anna Turra

**Audiovisual**  
Núcleo Um

O Instituto Tomie Ohtake realizou todos os esforços para encontrar os detentores dos direitos autorais incidentes sobre as imagens/obras aqui publicadas. Caso identifique algum registro de sua autoria, solicitamos o contato pelo e-mail [instituto@institutotomieohtake.org.br](mailto:instituto@institutotomieohtake.org.br).

**JORNAL**  
**Coordenação**  
Instituto Tomie Ohtake  
**Projeto Gráfico**  
Catê Bloise  
Tie Ito  
Vitor Cesar

**Textos**  
Ana Roman  
Moacir dos Anjos

**Revisão**  
Divina Prado  
Isabela Maia  
Camila Góes

**Impressão**  
Ipsis Gráfica e Editora

**ISBN**  
978-65-89342-73-1

Mantenedor institucional



**Lei Rouanet**



Patrocínio

Apoio



Luciana Brito | Galeria

Acesso Tomie



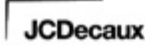
**USIMINAS**



**Intimus**

Apoio de mídia

**ARTEIBRASILEIROS**



**Cult**

revista **PIAUI**

Realização



MINISTÉRIO DA CULTURA

